



## COMO AS PEÇAS DE TEATRO PODEM HABITAR OS LIVROS: UMA ENTREVISTA COM ASSIS BENEVENUTO E MARCOS COLETTA, EDITORES DA JAVALI

ENTREVISTA POR:

**Alice Carvalho Diniz Leite\***  
**Íris Fernanda Ladislau Rosa\*\***

\* [alice.diniz@gmail.com](mailto:alice.diniz@gmail.com)

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (Pós-Lit) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisa teoria do teatro e dramaturgia brasileira, além de atuar como editora da revista *Em Tese*.

\*\* [irisladislau.contato@gmail.com](mailto:irisladislau.contato@gmail.com)

Bacharela em Edição, com formação complementar em Teatro, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Editora e fundadora na microeditora independente Margem.

A editora Javali inicia seus trabalhos em 2015 com a publicação da peça *Humor*, do Grupo Quatroloscinco Teatro do Comum e, em seguida, com dramaturgias de autores e autoras em língua portuguesa, seja os volumes escritos originalmente no português brasileiro, seja as obras traduzidas de idiomas estrangeiros. Mais recentemente, o catálogo de produções passa a envolver ainda lançamentos de roteiros fílmicos, além de artigos voltados para as teorias e as memórias do teatro e do cinema. De maneira independente, essa editora belo-horizontina divulga várias composições; entre elas, as pertencentes

à Coleção Teatro Contemporâneo: *Vaga Carne* (2016), de Grace Passô; *Farinha com Açúcar ou Sobre a Sustança de Meninos e Homens* (2016), de Jé Oliveira; *Nós* (2016), de Eduardo Moreira e Marcio Abreu, citando apenas alguns exemplos. E apresenta coletâneas de textos críticos, como *Dramaturgias & Pulsões Anárquicas* (2019), organizada por Elen de Medeiros e Sara Rojo; e também diários de produção de filmes, como *Roteiro e diário de produção de um filme chamado Temporada* (2021), de André Novais Oliveira. Nesse conjunto de edições, a editora Javali realça a divulgação de “textos teatrais e cinematográficos como

desdobramento necessário das artes cênicas e audiovisuais – seja pela sua preservação, seja pelo diálogo entre linguagens, seja ainda por fomentar leitores e possíveis espectadores”<sup>1</sup>.

Especificamente nesta entrevista, conversamos com os editores da Javali: Assis Benevenuto e Marcos Coletta. O primeiro deles, Assis Benevenuto, é ator formado pelo Centro de Formação Artística do Palácio das Artes e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (Pós-Lit) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Possui título de mestre também pelo Pós-Lit da UFMG e realizou estudos em Dramaturgia na Universidad Nacional de Las Artes (Buenos Aires). Trabalha como ator, diretor, dramaturgo, poeta e pesquisador, além de ser co-criador e coordenador da Editora Javali. Integrante do Grupo Quatroloscinco Teatro do Comum. Participou do Grupo Espanca! como ator e diretor convidado; coordenou o Ateliê de Dramaturgia/BH e o Núcleo de Pesquisa em Dramaturgia do Grupo Galpão Cine Horto (2014-2015). Traduziu as peças Litoral (1999), de Wajdi Mouawad, e Escola (2013), ambas publicadas pela Editora Javali, respectivamente, em 2019 e 2018. E Marcos Coletta, por sua vez, é doutorando em Artes da Cena e Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

Além de ser licenciado no Curso de Graduação em Teatro da UFMG e formado pelo Curso Técnico de Formação de Atores do Teatro Universitário da UFMG. Desenvolve trabalhos como ator, diretor, dramaturgo, poeta e pesquisador. É cofundador do Grupo Quatroloscinco, integrou o Mayombe Grupo de Teatro, Uma Companhia de Improvisação e foi ator convidado da Cia Drástica de Artes Cênicas. Realiza trabalhos como autor de textos teatrais para outros grupos e coletivos mineiros, como Os Conectores, Plataforma Beijo, Grupo Trama, Cefart/Palácio das Artes, Conexão Galpão e Cia. Luna Lunera. Possui 7 textos teatrais e um livro de poesia publicados e já elaborou workshops e orientações de dramaturgia para espetáculos de formatura do Cefart e do Teatro Universitário da UFMG. Desde 2011, integra a equipe do Centro Cultural Galpão Cine Horto, onde coordena o Centro de Pesquisa e Memória do Teatro e faz parte da equipe de curadoria. É membro do conselho editorial da Editora Javali.

A Editora Javali pode ser acessada pelo site: **www.editorajavali.com**, além de poder ser contatada pelo e-mail: **editorajavali@gmail.com**.

\*\*\*

1. Informação disponibilizada no site da Editora Javali. Disponível em: <<https://www.editorajavali.com/sobre>>. Acesso em: 7 mar. 2022.

1. Caros Assis Benevenuto e Marcos Coletta, editores da Javali, gostaríamos de dar início a esta entrevista agradecendo a oportunidade de conversar sobre publicação de teatro e de cinema. De maneira geral, nossas perguntas estão interessadas no processo de edição concentrado nessa categoria específica da dramaturgia, das teorias teatrais e fílmicas, do roteiro de cinema. Assim, como surge a ideia de convergir esforços para a divulgação especialmente de criações dessas áreas? Reconhecemos a importância de registrar textualmente composições dramáticas e fílmicas e, por vezes, notamos dificuldades de algumas pessoas em lidar com o registro escrito de tais obras – como se essas criações fossem destinadas somente aos palcos, e não também aos livros. Vocês encontram concepções e resistências como essas? Como são essas experiências?

Em nome da Javali, nós, Assis Benevenuto e Marcos Coletta, agradecemos muito o interesse e o espaço concedido para conversarmos sobre nossos caminhos editoriais. Sobre a primeira parte da pergunta, costumamos dizer que a Javali é como um grupo de teatro, pois surgiu muito mais pela necessidade de existir do que por um investimento comercial. A Javali foi criada, em 2015, por pessoas de teatro (Assis Benevenuto e Vinícius de Souza), dramaturgos, atores, diretores, professores. Hoje em dia,

temos mais colaboradores, que também são artistas de teatro: na área editorial, Marcos Coletta, Thiago Landi e Vinícius de Souza; bibliotecário: Tiago Furtado; produção: Maria Mourão. Sobre os designers gráficos, falaremos mais à frente.

Durante a minha formação técnica em teatro (Cefart, 2004-2006), eu [Assis Benevenuto] percebi uma carência de dramaturgias publicadas no Brasil, inclusive de traduções. O setor “dramaturgia” nas livrarias de Belo Horizonte, quando havia, limitava-se a poucas edições do teatro moderno brasileiro, dos clássicos como Shakespeare e Molière e das tragédias gregas. A diversidade era um pouco maior nos sebos da cidade, onde encontrávamos algumas edições autorais, coleções como a Teatro Vivo da editora Abril, e livros antigos que não foram reeditados. Naquela mesma época, vivíamos um forte movimento do teatro autoral, que veio se fortalecendo desde o final da década de 90 e início dos anos 2000. Foi um período em que oficinas e cursos voltados para a dramaturgia começaram a acontecer com mais frequência; o curso superior de Artes Cênicas foi criado na Escola de Belas Artes da UFMG (1999); festivais públicos como o FIT-BH (1994) e o FAN (1995), e também festivais privados como o Cenas Curtas do Galpão Cine Horto (2000), foram estreados. Importante citar os órgãos públicos: Secretaria Municipal

de Cultura e Fundação Municipal de Cultura, que desenvolvem editais de fomento, entre outras ações, que mobilizam o fazer teatral e das artes em geral, de Belo Horizonte. Em 2012, iniciou-se na cidade o projeto Janela de Dramaturgia, mostra anual de dramaturgia contemporânea – que completa em 2022 seus dez anos de atividades continuadas. Foi nesta mesma época que Vinícius Souza e eu [Assis Benevenuto] iniciamos um projeto chamado Ateliê de Dramaturgia: oficinas de três a quatro meses para o exercício, o estudo, a criação e o compartilhamento de dramaturgias autorais. Apesar de todo esse movimento, o que não havia com esse mesmo empenho era a publicação de livros de teatro. Para não sermos injustos, podemos citar duas editoras que, além de serem inspirações para a Javali, já publicavam teatro: a Editora Perspectiva (SP), que há décadas vem realizando um trabalho magnífico, e a Editora Cobogó (RJ), fundada no final da primeira década dos anos 2000. Outro ponto crucial, naquele momento, foi o movimento das publicações autorais de grupos de teatro, que minimamente driblavam o cenário do mercado editorial. Resumindo, a Javali foi criada por uma necessidade de registrar dramaturgias e movimentos teatrais do nosso tempo, de fazer circular os textos para além das apresentações. Tudo isso como forma de registrar, primeiramente, o teatro belo-horizontino, com a urgência e o desejo de (re)territorializar a história da

literatura dramática, construindo um caminho fora do eixo Rio-São Paulo. Depois fomos expandindo.

Sobre a segunda parte, entendemos que publicar literatura dramática não é publicar a obra teatral em si. Quando publicamos uma “peça de teatro”, estamos trabalhando com alguns elementos, dentre eles o texto falado, que são fundamentais para o acontecimento teatral. Mas poderia não ser, como no caso de obras de teatro nas quais os atores e as atrizes não falam palavras. Nesse sentido, nem toda dramaturgia em livro trará apenas o texto dito em cena, mas poderá conter o pensamento que sustenta a criação, as rubricas de ação, as imagens, o processo de criação compartilhado com o leitor, uma infinidade de informações. De forma geral e bem simplificada, podemos dizer que existem dois direcionamentos editoriais no teatro, ou mais se pensarmos em suas variações, sendo: o primeiro, aquele que irá publicar o texto dramático, o falado pelos artistas da cena, que contém algumas rubricas, ou didascálias, que são indicações sobre as emoções, ações das personagens etc.; a segunda seria a publicação do texto espetacular, ou seja, estão imbricadas aí as demais textualidades que compõem o acontecimento teatral: as narrativas criadas também pela luz, pela trilha, pelos corpos, pelas qualidades de movimento etc. Isso quando uma obra teatral foi experimentada cenicamente,

caso contrário será apenas um texto inédito. Fato é que, inédita ou não, uma obra teatral nunca será idêntica a sua edição em livro. Há sempre espaço para se pensar como uma peça de teatro pode habitar um livro. O processo de transformar o teatro, ou algo dele, em literatura requer a transposição de elementos em plataformas distintas, é sempre um processo de transformação da obra, e nesse sentido acontecem perdas e ganhos. Podemos dizer que existe uma “resistência” natural de fixar em páginas algo que é do acontecimento. Além disso, não é necessário que uma dramaturgia esteja em um livro para que as pessoas a conheçam, basta ir ao teatro.

Mas também há uma outra resistência em relação aos livros de teatro: a maioria das pessoas nunca leu uma peça de teatro. Inicialmente, fazemos duas observações:

1) O texto de teatro convoca o corpo no tempo presente, exige do leitor a organização da ação, que muitas vezes nos chega organizada pelo narrador num romance, por exemplo. A leitura de uma peça de teatro pode não ser tão simples. Independentemente do gênero, o teatro nos coloca em performance coletiva ao conclamar diferentes textualidades e vozes/pessoas em seu jogo. Podemos ler dramaturgias sozinhos, em silêncio, tal como lemos um romance, mas ler teatro nos convoca a reelaborar a arte

teatral no tempo-espaço, principalmente se a lemos coletivamente, em voz alta, dividindo os papéis entre os/as leitores/as, movimentando nossos corpos, buscando as intenções, desejando adentrar na linguagem teatral. Esse ato exige do/a leitor/a a exposição de sua subjetividade para fora do papel, do pensamento, pois a leitura torna-se cena, e nós leitores/as nos tornamos atores e atrizes. E isso é (maravilhosamente) assustador, pois, além de nos expor, explicita a instabilidade do texto teatral.

2) A dificuldade que as pessoas têm de se aproximar da literatura dramática é em parte uma responsabilidade social, educacional, cultural. Se fizermos um levantamento da quantidade de livros de literatura dramática que são adotados nos ensinamentos de nível fundamental, médio e universitário, veremos que, basicamente, não fomos apresentados à dramaturgia enquanto literatura, ou possibilidade de leitura e fruição. Por quê? O ensino básico infantil faz amplo uso do “teatrinho” como ferramenta pedagógica, mas, quando as crianças crescem um pouco mais, o teatro desaparece da sala de aula. Talvez por conta de seu caráter subversivo – não me refiro aos temas, mas justamente à sua instabilidade enquanto palavra-performance – que não tem sido muito bem-vindo na formação da nossa sociedade. O teatro nos coloca em ação, em jogo, e cada vez mais parece haver menos espaço

para o corpo real em sala de aula. Diferente do sentido asustador que utilizei anteriormente, referimo-nos agora a uma política da educação conservadora e embrutecedora que vem limitando a formação crítica e o direito de existir de grande parte da população. E isso toca na performance do teatro, da leitura de literatura dramática, porque esse tipo de política ignora os corpos e as corpas em suas diversidades concretas e subjetivas em ação.

2. A editora Javali inicialmente se dedica apenas às publicações de teatro; entre as mais antigas, encontram-se duas criações escritas em parceria pelos dramaturgos Assis Benevenuto e Marcos Coletta: *Humor* (2014) e *Ignorância* (2015). Mais ou menos por volta de 2016, os lançamentos passam a incluir volumes relacionados à dramaturgia, mas não necessariamente dramáticos, como é representativa a biografia da atriz Teuda Bara: *Comunista demais para ser chacrete* (2016), com autoria de João Santos. Além de exemplares vinculados ao cinema, como é o caso de *Roteiro e diário de produção de um filme chamado Temporada* (2021), roteiro fílmico assinado por André Novais Oliveira. Esse processo de expansão, por assim dizer, acontece por algum motivo em particular? Por demandas da própria editora, por demandas dos autores e das autoras, ou ainda por demandas do público?

A primeira edição do livro da Teuda foi publicada em 2016 e foi um sucesso, esgotou rapidamente. Naquele mesmo ano, publicamos o primeiro livro de teoria da editora, *Teatro Latino-americano em diálogo* (2016): produção e visibilidade, da professora Sara Rojo; em seguida, *No enalço dos Bufões* (2016), de Joaquim Elias, ambos tiveram grande procura por leitores de todo Brasil.

A Javali foi estruturada a partir de quatro eixos editoriais: dramaturgia, teoria, tradução e memória. Essas bases foram definidas justamente porque se retroalimentam. Uma publicação de dramaturgia é, de alguma forma, um livro de memória, mas é diferente de uma biografia como a de Teuda Bara que, por sinal, serviu como base para um solo teatral da atriz, chamado *Doida* (2015), com dramaturgia também de João Santos. Apenas em 2018 conseguimos editar nossa primeira tradução, que foi *Escola* (2013), dramaturgia do chileno Guillermo Calderón, e depois vieram outras. Nos últimos anos, começamos a receber pesquisadores/as interessados/as em publicar teses e dissertações. Mas o que mais temos publicado são textos de dramaturgia nacional.

Em 2021, ampliamos nosso eixo editorial para o cinema motivados por um contexto bem parecido ao que relatamos anteriormente. Acrescento [Assis Benevenuto] que,

quando começamos a realizar os Ateliês de Dramaturgia (2012 a 2015), percebemos o interesse de pessoas que trabalham com roteiros, algumas inclusive participaram dos cursos. Tínhamos um interesse em comum no teatro ou no cinema: queríamos exercitar a escrita de cenas, histórias e personagens. Outro ponto interessante é que a maioria dos atores e das atrizes que fazem cinema vieram do teatro; muitos dramaturgos também passaram a ser roteiristas, como Grace Passô, Germano Melo, Eid Ribeiro... Diversas produções contemporâneas mesclam a linguagem teatral e a cinematográfica, como o próprio média-metragem *Vaga Carne* (2019), gravado posteriormente à montagem no teatro; *Tragédia* (2019) do Quatroloscinco Teatro do Comum, dirigido pelo cineasta Ricardo Alves Jr., bem como outros trabalhos dirigidos por ele; obras da Cia. do Latão (SP); criações da diretora e dramaturga carioca Christiane Jatahy; composições do Grupo Oficina de Zé Celso, entre outros. Nestes últimos dois anos, desde o início da pandemia, o teatro viu-se enquadrado pelas telas. E o roteiro nada mais é do que uma dramaturgia do audiovisual. Ou seja, uma estrutura, uma organização do pensamento, que conduz e possibilita a construção da obra junto a outras composições artísticas.

É um tanto óbvio que na formação de um roteirista, assim como na de um dramaturgo, o estudo de textos/

roteiros é fundamental. Mas, se averiguarmos o número de filmes brasileiros que se tornaram livros, veremos que a publicação de roteiros no Brasil é muito pequena em relação à produção cinematográfica. O roteiro, de certa forma, pode ser acessado através da exibição – teoricamente infinita – do filme, diferentemente do que ocorre com a dramaturgia no teatro. Mas ver o filme não é o mesmo que ler o roteiro, tal como ver uma peça não é o mesmo que ler a dramaturgia. Existe um sentido em se pensar e publicar esse tipo de literatura dramática. A experiência da leitura é definitivamente outra e autônoma.

Acrescentamos, ainda, que nosso interesse nos roteiros não é publicar puramente uma transcrição das falas dos atores. O próprio livro de André Novais Oliveira, intitulado *Roteiro e diário de produção de um filme chamado Temporada* (2021), brinda-nos com um diário de trabalho do autor que é profundamente político e poético, além de fotos do arquivo de filmagem e documentos como: ordem do dia, cronogramas de produção, etc. O livro se comunica no âmbito estético, ético, político, funcional, memorial, técnico, etc. Assim como as dramaturgias, os roteiros também são livros de formação.

Sobre essas e outras questões do universo da publicação de livros de teatro, sugiro a leitura da dissertação de

mestrado do pesquisador e editor de livros Thiago Landi (FALE/UFMG), parceiro da Javali, que propõe o conceito de “livros latentes” para esse ramo editorial. Acredito que há uma relação possível com os livros do audiovisual.

3. O acesso aos textos escritos, aos espetáculos encenados e aos filmes assistidos são vivências bastante diferentes. Nesse sentido, pensamos se na editora Javali há estratégias específicas de tratar o objeto livro, em termos de edição, a fim de torná-lo mais atrativo aos leitores e às leitoras não especializados/as. Para exemplificar, alguns livros já lançados, como *Teatro Negro* (2018), incluem várias fotografias das montagens, e outros, como *Vaga Carne* (2018), dialogam em larga medida com realizações apresentadas nos palcos. Assim, para vocês, qual é a importância de peças teatrais e roteiros fílmicos serem publicados em formato de livro? E tais divulgações são criadas para leitores/as acostumados/as a esse tipo particular de literatura ou há um objetivo de dilatar um tanto mais esse público?

Cada publicação da Javali recebe uma atenção especial durante o processo editorial. Acreditamos que a ideia de tornar um livro atrativo atravessa várias instâncias, que vão desde a curadoria e o conteúdo do texto, até o design gráfico, o custo de produção, o preço final do livro etc.

Fato é que não temos condições financeiras de ficar inventando adereços supérfluos para “enfeitiçar” o leitor, esse não é o nosso objetivo. Fotos, textos críticos, depoimentos e demais documentos, que muitas vezes estão presentes em nossas edições, cumprem uma função de materializar, registrar, transportar a experiência da leitura de uma peça para um território “mais” teatral. Também cumprem um lugar de arquivo no livro, reportando informações e características dos/as autores/as, atores/atrizes e artistas que participaram das criações; trazem algumas dimensões históricas e estéticas.

Para nós, a importância de publicar livros de teatro e de cinema tem a ver, em primeiro lugar, com os entendimentos de que também são obras literárias e de que podem ser fruídas independentemente das montagens cênicas ou audiovisuais. Em segundo lugar, são livros essenciais para a formação técnica, artística e intelectual nestas e em outras áreas do conhecimento. Alguns livros da editora têm sido adotados por universidades, cursos técnicos e livres. Por fim, mas poderíamos elencar uma infinidade de motivos, esses livros podem construir narrativas históricas, políticas, sociais e artísticas; além de serem capazes de estabelecer comunicações com outras gerações. Criam e alimentam “nossas” memórias.



Nossas divulgações são direcionadas tanto ao público já habituado ao teatro e ao cinema, que por ora são as pessoas que mais se interessam pela nossa linha editorial, como também ao público de forma geral. Contudo, há uma grande questão nesse ponto da divulgação que são os algoritmos das redes sociais e o mercado que há por trás delas. Esbarramos novamente na problemática da formação de público leitor num contexto neoliberal. Ampliar o público leitor não pode ser, e nem deveria ser, um objetivo puramente comercial, mas sim uma construção sociocultural. Delegar somente às editoras esse papel de “provar” que dramaturgia é literatura, deve ser lida e é tão importante quanto ler romances, contos, poesias, esse papel é muito pesado. Sabemos que ganhará a editora que tiver mais dinheiro. Lembramos que, quando foi anunciado o fechamento da editora Cosac Naify, o empresário Carlos Cosac deu uma entrevista dizendo que tinha investido mais de 70 milhões de reais na editora. Imagina isso! A realidade da Javali está a anos-luz de diferença. Sonhamos que, cada vez mais, nosso público seja diverso e que a literatura dramática faça parte da vida das pessoas. Sobre nossa divulgação, uma particularidade é que a Javali sempre funcionou muito na relação presencial. Antes da pandemia, realizávamos a Banca da Javali no foyer dos teatros, em peças, em eventos e em festivais. Quando saíam das peças, muitas vezes, os/as

espectadores/as tornavam-se leitores/as. Nesse campo da formação de público leitor, temos ciência de que somos apenas uma letrinha perdida no alfabeto. Seguimos fazendo a nossa parte.

4. A focalização da editora Javali em assuntos relacionados às artes teatrais e cinematográficas demonstra, em grande medida, interesses e conhecimentos especificamente familiarizados a esses dois grandes campos. E tais saberes são amplamente ressaltados nas escolhas de obras a serem divulgadas, seja nas temáticas enfatizadas pelos textos selecionados, seja nos nomes de artistas e de pesquisadores/as já reconhecidos/as. Pensando nisso, como é realizado o processo de indicar quais trabalhos serão, ou não, lançados? Nas composições já publicadas, há uma referência sobre integrantes de uma comissão editorial, e, nessa perspectiva, gostaríamos de compreender um pouco mais sobre esses movimentos de decisão. Em outros termos, é essa comissão editorial que determina as criações a serem transformadas em livros? Ou, por outro lado, são também os/as autores/as e os/as pesquisadores/as que entram diretamente em contato com a Javali? Ademais, há preferência por dramaturgos/as e roteiristas com mais experiência? E talvez ainda certa prioridade aos textos já encenados ou filmados?

Como uma editora independente e de pequeno porte, nós precisamos andar com calma, pois não damos conta de suprir toda a demanda da área. Já realizamos produções através de editais de incentivo cultural, de programas de financiamento de publicação de universidades federais, de investimento próprio, coletivo e também dos/as próprios/as autores/as. Contamos com um conselho editorial especializado que nos acompanha sempre, indicando e analisando obras para a publicação, estando sempre a postos a nos orientar em relação aos caminhos a seguir.

Muitos/as autores/as entram em contato com a editora demandando análise de originais, mas essa não é a nossa principal, nem ideal, forma de trabalho, pois seria necessária uma estrutura muito maior, de pessoal, de tempo, de dinheiro, para conseguirmos avaliar todos os textos que recebemos. Neste processo, acabamos por conhecer algumas obras, mas o trabalho de curadoria da editora é fundamental para as publicações.

Nós já publicamos autores/as consagrados/as e autores/as estreantes, assim como textos inéditos e textos já encenados. Muitos dramaturgos e dramaturgas preferem publicar textos que já foram encenados, mais do que os inéditos. A montagem tem uma capacidade de atestar, e

até de reelaborar, a proposta inicial de uma dramaturgia. Por vezes, o texto espetacular fornece um material essencial para o processo de edição. Isso não significa que publicar um texto inédito exija menos criatividade e trabalho dos/as editores/as.

O ramo editorial é vasto. Existem editoras que publicam de tudo, com a única condição de os/as autores/as pagarem a publicação. Mas, para a Javali, interessa mais a trajetória que vamos construindo a partir de cada livro e também o que o livro representa esteticamente e politicamente na cena teatral, nos campos da dramaturgia e da literatura dramática. Tudo isso dentro das nossas possibilidades de realização. Acreditamos também que, quanto mais editoras publicarem teatro, melhor será.

5. Os livros editados pela Javali enfatizam constantemente uma preocupação com as impressões dos trabalhos, e muitas delas, senão todas, podem inclusive ser consideradas livros de arte. Nesse particular, a estruturação de *Vaga Carne* (2016) inclui uma série de fotografias da dramaturga e atriz Grace Passô em momentos de encenação desse texto dramático. Além de explicitar algumas páginas sem marcações escritas, talvez, sinalizando momentos de silêncio ao longo das performances. De modo semelhante, a composição de *Farinha com Açúcar ou*

*Sobre a Sustança de Meninos e Homens (2016) também exhibe variadas imagens do dramaturgo e ator Jé Oliveira em atuação com diversos músicos – entre eles, o DJ Kl Jay, um dos integrantes do grupo Racionais MC's. E a tipografia utilizada na capa do volume dialoga, notadamente, com a tipografia presente na capa de *Sobrevivendo no Inferno (2018)*, obra publicada pelos Racionais MC's na editora Companhia das Letras e baseada no disco lançado em 1997. Observa-se nessas e em outras edições da Javali um interesse de registrar memórias dos textos teatrais, assim como dos espetáculos originados por essas criações. Assim, podemos compreender os formatos desses trabalhos como obras literárias, artísticas e arquivísticas?*

É interessante esse apontamento de que alguns livros da Javali podem ser considerados “livros de arte”. Teoricamente todos são. Mas entendemos que essa qualidade “livro de arte” quer dizer outra coisa, ela diz que o trabalho de arte está, para além da peça teatral, no campo da edição. Pois há nesta instância um trabalho de pensamento, um conceito, um jogo, uma leitura, uma reelaboração estética na concretização de um objeto livro. A dramaturgia não está apenas na palavra escrita, ela é corpo, espaço, silêncio, movimento, história... Quando editamos um livro, nós sempre tentamos evidenciar essas conexões. Os livros se tornam arquivísticos (para além

do arquivo texto), porque também comunicam registros que são de outra ordem, mas essenciais ao teatro e ao cinema; porque reúnem memórias que fazem parte da montagem, mas escapam ao texto em si. Sobre esse trabalho de “arte”, gostaríamos de aproveitar para citar como um exemplo interessante o artista visual Elifas Andreato, falecido recentemente, que assinou mais de 300 capas e encartes de discos brasileiros. Antes dele, a capa de um LP se limitava a uma foto do artista e seu nome. Andreato revolucionou algo que era apenas um invólucro, dando a esse material outro status. Ele reestruturou a linguagem, o conceito a partir da interação artística entre a obra e a plataforma de papelão. Muitos discos, muitas canções ícones de movimentos musicais, passaram a ser identificados por esse trabalho, pela capa, pelo encarte. É uma forma de tradução.

*6. Ainda sobre a questão estética das capas, observamos uma identidade muito forte nas edições da Javali e, por outro lado, uma manutenção da individualidade de cada uma das obras. Aliás, muitas escolhas são feitas em diálogo com as apresentações dos espetáculos, com as exhibições dos filmes e com as divulgações realizadas para essas obras espetaculares e fílmicas. Há uma preferência por aproveitar esses trabalhos anteriores e talvez uma estratégia de chamar a atenção dos públicos já cativados*

pelos espetáculos e filmes? Ou, em contrapartida, há uma inclinação a criar propostas mais voltadas à identidade da editora, considerando as produções dos livros como novos momentos das obras? Além do mais, há um interesse em aproximar as edições das dramaturgias e dos roteiros cinematográficos aos livros de literatura ou, em outra estratégia, um interesse em não deixar os leitores e as leitoras se esquecerem das origens dramáticas e cinematográficas dessas composições?

A identidade visual da Javali vem sendo elaborada de acordo com cada linha editorial. Por exemplo, a Coleção Teatro Contemporâneo foi desenvolvida com os designers Vitor Carvalho, Amanda Goveia e Letícia Naves; já a Coleção Traduções, com Luísa Rabello e Filipe Costa; existem livros que são independentes, como os do Grupo Quatroloscinco Teatro do Comum e os livros de teoria e de memória, alguns desses trabalhados pela Lampejo, entre outros designers. Criar um conceito estético para cada coleção é muito importante, porque ajuda o público a identificar a editora e também porque diminui o custo de produção dos livros. Contudo, há sempre um diálogo específico sobre cada livro, em relação à fonte e à cor que usamos nas capas, à organização e à diagramação interna do livro. Esse diálogo é estabelecido entre editores/as,

designers e autores/as, incluindo ainda as próprias obras teatrais ou cinematográficas, se não são inéditas.

Não temos interesse em “fazer os leitores esquecerem” a origem dramática ou cinematográfica de um livro que publicamos. As referências estéticas a uma peça ou a um filme podem muito bem indicar caminhos para se pensar o livro, podem ser elementos úteis para os próprios leitores, sendo de grande importância na vida das publicações. Tais referências imagéticas e documentais que os livros carregam, como já dito, ampliam a possibilidade do jogo performático da edição e da recepção, mas não descaracterizam o caráter literário das obras.

7. A presença da Javali no universo digital das mídias sociais, como o Instagram e o Facebook, parece auxiliar na divulgação dos lançamentos mais recentes da editora, assim como na difusão de notícias sobre as publicações e sobre seus/as respectivos/as autores/as. Especialmente durante a pandemia da covid-19, de modo geral, essas comunicações entre a editora, os/as autores/as e os/as leitores/as crescem significativamente por meio de diálogos on-line realizados ao vivo. É possível dizer que esses novos formatos substituem/substituirão as feiras de livros efetivadas presencialmente? Ou, pelo contrário, as

### mídias digitais e as feiras de livros têm objetivos e públicos relativamente diferentes?

De fato, quando o houve o isolamento e a paralização das atividades e dos espaços culturais, nós tivemos muito receio do que iria acontecer com o mundo e com a Javali, pois nossa relação com os/as leitores/as era muito presencial. Desde o início da editora, nós criamos a Banca da Javali, montando uma mesa e disponibilizando os livros para conhecimento do público. Realizamos a Banca em diversas apresentações teatrais em Belo Horizonte e em várias cidades do Brasil. Também participamos de feiras especializadas em dramaturgia, como a Feria Volumen (2017, 2018 e 2019) na cidade de Buenos Aires (AR); de festivais, como o FIT-BH, o Festival de Tiradentes, o Festival de Inverno da UFMG, o Festival do Teatro Brasileiro Toni Cunha (Itajaí-SC), o Festival de Cenas Curtas, entre outros. O site da editora foi instalado no ano anterior à pandemia e, com o isolamento social, tornou-se a única maneira de manter (e de criar) contato com o nosso público. E muitos/as leitores/as novos chegaram, gente de todo o país e até de fora. Plataformas como o Instagram, o Facebook e o Youtube foram cruciais nesse processo de contato virtual e de divulgação da editora. Através delas, conseguimos produzir lançamentos e bate-papos com autores/as de todo o Brasil, em tempo real, e nos

comunicamos divulgando livros e leituras. Acreditamos que ainda surgirão outras plataformas, de acordo com a movência tecnológica humana, o difícil mesmo é acompanhar tudo isso. Não achamos que a virtualidade substituirá por completo a presença, mas, sim, abrirá outros caminhos de conexão, de relacionamento etc. Participamos de um grupo de WhatsApp com editoras mineiras, e existe uma discussão bem interessante sobre essas novas formas de comunicação; estamos criando e retomando as feiras de forma presencial. O que é magnífico.

8. Para finalizar esta entrevista, gostaríamos que você compartilhasse conosco informações sobre alguns planos futuros da Editora Javali. Entre as publicações mais recentes, estão a trilogia teatral *Dançando sobre o abismo* (2021), de Germano Melo, e o texto dramático *A mulher porca* (2021), uma obra de Santiago Loza, com tradução de Gabriela Figueiredo e montagem do grupo Mulheres Míticas. Ainda para o ano de 2022, vocês podem adiantar os títulos das próximas publicações ou novidades sobre elas? E sobre a participação da Javali em feiras de livros presenciais e on-line?

Dentro da Coleção Teatro Contemporâneo, recentemente publicamos dois livros bem interessantes, que gostaríamos de citar: (1) Jaity Muro (2022), do Grupo

Orendive de Dourados-MS, escrito por Júnia Pereira, Karla Neves e Rossandra Cabreira. Essa edição é bilíngue português-kaiowá, pois uma das dramaturgas (Rossandra Cabreira) é kaiowá, vive na aldeia Jaguapiru e, além de ser tradutora, é atriz, mestrandia e professora; (2) Casa Breve: uma atriz louca em três tempos (2022), de Viviane de Cassia Ferreira, com três dramaturgias/performance propostas pela artista e integrante do Grupo Sapos e Afogados (2002, BH), o qual promove a inserção social da pessoa com sofrimento mental, ressignificando o lugar da arte e da saúde mental na sociedade.

Os próximos lançamentos serão: (1) livro com duas dramaturgias de Silvia Gomez – Mantenha fora do alcance do bebê e Neste mundo louco, nesta noite brilhante. Essa edição será bilíngue português-espanhol. A dramaturga mineira, residente em São Paulo, é uma referência na escrita teatral contemporânea; (2) livro com três dramaturgias do Grupo paulista Cia. de Teatro Acidental; (3) livro Coração de Bananeira, dramaturgia de Pipe Nascimento, Marcos Alexandre e Soraya Martins.

No eixo das teorias, lançaremos: (1) Teatralidades-aquilombamento: várias formas de pensar-ser-estar em cena e no mundo, da artista, curadora, professora e pesquisadora sobre os teatros negros, Soraya Martins. O livro foi elaborado a partir de sua tese de doutorado

(PUC-MG); (2) Atuar-Produzir: desafios de artistas frente a gestão de suas trajetórias, da pesquisadora e professora Heloisa Marina (EBA-UFMG). O volume, fruto de sua tese doutoral, aborda as relações e os caminhos entre a produção e o mercado cultural.

No eixo do cinema, publicaremos a pesquisa de criação e o roteiro do filme Arábia (2017), de Affonso Uchôa e João Dumans. A produção mineira recebeu importantes prêmios nacionais e internacionais, além de ter participado dos principais circuitos de exibição cinematográfica do mundo.

Finalmente, inaugurando um projeto muito especial dentro da Javali, publicaremos o Primeiro dicionário bilíngue kaiowá-português, organizado pela pesquisadora Graciela Chamorro (UFGD). Esse trabalho terá sua versão digital realizada com apoio do Rumos Itaú Cultural, e a versão impressa patrocinada pela UNA, através da Lei de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Chamorro tem o guarani como língua materna, nasceu no Paraguai e vive no Brasil desde o final dos anos 70. O dicionário é um projeto construído pela pesquisadora em colaboração com falantes kaiowá, com pesquisadores/as indígenas e não indígenas. Ademais, é também um projeto que atravessa o caminho da editora por questões afetivas e políticas. O público leitor

dessa obra é diferente daquele que já possuímos, no entanto, o dicionário nos levou também à publicação bilíngue da dramaturgia Jaity Muro. Dessa forma, entendemos que a língua é um importante pilar para o teatro e para o cinema, fazendo parte de um regime de visibilidade de um sensível comum (não a todas as pessoas) extremamente político. Dialogando com Jacques Rancière, enxergamos a publicação do dicionário como um instrumento construtor de “partilha do sensível” que servirá, de distintas formas, às sociedades indígenas falantes ou não do kaiowá, e também às não indígenas.

A respeito dos eventos literários, estamos buscando participar cada vez mais. Esse é, inclusive, um assunto muito importante para as editoras que trabalham com a publicação de livros de teatro, pois mesmo em importantes prêmios, como o Jabuti, não há a categoria dramaturgia. Assim, o trabalho de formação de público leitor de teatro deve ser amplo. No ano passado, participamos da Festa do livro da USP e consideramos essa experiência interessante. Nesse ano, já recebemos o convite para participarmos do III Colóquio de Mascaramento em Cena Expandida (LAPA/UFMG/CNPq), realizado em parceria com o Festival Internacional de Máscaras do Cariri-Ceará. Agora, com a retomada das atividades e dos eventos teatrais, voltaremos com a Banca da Javali.

## REFERÊNCIAS DAS OBRAS CITADAS E JÁ EDITADAS EM LIVRO

- BENEVENUTO, A.; COLETTA, M. **Humor**. Belo Horizonte: Javali, 2015.
- BENEVENUTO, A.; COLETTA, M. **Ignorância**. Belo Horizonte: Javali, 2016.
- BENEVENUTO, A.; ALEXANDRE, M.; SOUZA, V. **Teatro Negro**. Belo Horizonte: Javali, 2018.
- CALDERÓN, G. **Escola**. Tradução de Assis Benevenuto. Belo Horizonte: Javali, 2018.
- ELIAS, J. **No encaço dos Bufões**. Belo Horizonte: Javali, 2016.
- FERREIRA, V. de C. **Casa Breve**: uma atriz louca em três tempos. Belo Horizonte: Javali, 2022.
- LANDI, T. **Publicar teatro como prática cênica**: horizontes editoriais para livros latentes. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – MG, 2020.

LOZA, S. **A mulher porca**. Tradução de Gabriela Figueiredo. Belo Horizonte: Javali, 2021.

MEDEIROS, E. de; ROJO, S. **Dramaturgias & Pulsões Anárquicas**. Belo Horizonte: Javali, 2019.

MELO, G. **Dançando sobre o Abismo**. Belo Horizonte: Javali, 2021.

MOREIRA, E.; ABREU, M. **Nós**. Belo Horizonte: Javali, 2018.

MOUAWAD, W. **Litoral**. Tradução de Assis Benevenuto. Belo Horizonte: Javali, 2019.

OLIVEIRA, A. N. **Roteiro e diário de produção de um filme chamado Temporada**. Belo Horizonte: Javali, 2021.

OLIVEIRA, J. **Farinha com Açúcar ou Sobre a Sustança de Meninos e Homens**. Belo Horizonte: Javali, 2018.

PASSÔ, G. **Vaga Carne**. Belo Horizonte: Javali, 2018.

PEREIRA, J.; NEVES, K.; CABREIRA, R. **Jaity Muro**. Belo Horizonte: Javali, 2022.

RACIONAIS MC's. **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROJO, S. **Teatro Latino-americano em diálogo**. Belo Horizonte: Javali, 2016.

SANTOS, J. **Teuda Bara**: comunista demais para ser chacrete. Belo Horizonte: Javali, 2016.